

 Obras completas de Bocage  
*Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas,  
Idílios, Apólogos, Cantatas  
e Elegias*

 Obras completas de Bocage  
*Sonetos, Sátiras, Odes, Epístolas,  
Idílios, Apólogos, Cantatas  
e Elegias*

Tomo I

Organização, fixação do texto e notas  
Daniel Pires

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/INCM.Livros](https://www.facebook.com/INCM.Livros)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© Daniel Pires

© 2018, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção, composição e revisão  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre

Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: dezembro de 2018

ISBN: 978-972-27-2489-0

Depósito legal: 411 224/16

Edição n.º 1021208

## INTRODUÇÃO

### CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Os poetas portugueses notórios da segunda metade do século XVIII foram poucos no domínio da publicação: José Anastácio da Cunha e Pedro António Correia Garção só depois do seu falecimento tiveram as obras editadas; a Marquesa de Alorna, excetuando uma ou outra tradução, não revelou apetência por dar à estampa a sua poesia, reunida, postumamente, em 1844, pelas filhas; António Dinis da Cruz e Silva viu somente dois ditirambos e uma ode saírem dos prelos; de Tomás António Gonzaga e de Nicolau Tolentino apenas se conhecem *Marília de Dirceu* (1792) e *Poesias* (1801). Houve, porém, exceções: Filinto Elísio, que, pouco antes de falecer, coligiu na capital francesa, em 11 volumes, os frutos do seu labor poético, José Agostinho de Macedo e Manuel Maria de Barbosa du Bocage.

### UMA BIOGRAFIA ACIDENTADA

A vasta obra de Bocage, publicada entre 1790 e 1805, foi condicionada pelo seu percurso existencial acidentado, que, com frequência, lhe retirou a tranquilidade almejada para a composição poética e o forçou, por

vezes, a assumir alguns compromissos indesejados. O autor foi explícito relativamente à precariedade do seu quotidiano:

«Se [...] eu projectasse a defesa dos meus versos, ainda que vãmente, acarretara, encarecera talvez os desgostos, os males, as fadigas de uma vida inquieta e indigente, de que não são vexados os que compõem melhor que eu, ou o presumem.»<sup>1</sup>

O escritor evocava as duas deserções das Forças Armadas, a fome e a insegurança (no limite da sobrevivência) sentidas durante o périplo asiático, percorrendo países hostis aos estrangeiros, os vários encarceramentos sofridos, a reclusão no Tribunal do Santo Ofício, a miséria quotidiana e a sua saúde instável, que se deteriorou consideravelmente pouco antes de atingir os 40 anos, idade com que faleceu.

#### A SOCIEDADE

Acresce, por outro lado, que a sociedade de finais do século XVIII era unívoca e intolerante, delineada em função da nobreza: com efeito, a Intendência-Geral da Polícia vigiava os heterodoxos, a Inquisição identificava aqueles que julgava heréticos e a liberdade de exprimir o pensamento estava muito condicionada. Na verdade, coartando a expressão de opiniões críticas dirigidas à classe dominante, ao catolicismo oficial e à moral vigente, a censura era um pilar fundamental para a manutenção da hierarquia social e do Antigo Regime.

Por decreto de 21 de junho de 1787, a Real Mesa Censória — criada pelo marquês de Pombal, a 15 de abril de 1767, para melhor corporizar a sua hegemonia e anular poderes paralelos — deu lugar à Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e Censura dos Livros. Esta medida constituiu uma resposta aos «ventos» que sopravam, já fragorosamente, de França,

---

<sup>1</sup> Prefácio ao primeiro tomo das *Rimas*. Lisboa: na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1794, p. IV.

## I — TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS

### 1

Magro, de olhos azuis, carão moreno,<sup>1</sup>  
Bem servido de pés, meão n'altura,  
Triste de facha, o mesmo de figura,  
Nariz alto no meio, e não pequeno;

Incapaz de assistir num só terreno,  
Mais propenso ao furor do que à ternura,  
Bebendo em níveas mãos por taça escura  
De zelos infernais letal veneno;

Devoto incensador de mil deidades  
(Digo de moças mil) num só momento,  
E somente no altar amando os frades;

Eis Bocage em quem luz algum talento:  
Saíram dele mesmo estas verdades  
Num dia em que se achou mais pachorrento.

---

<sup>1</sup> Soneto publicado em vida do poeta, no ano de 1804, na edição do terceiro tomo das *Rimas*, intitulado *Poesias Dedicadas à Ilustríssima e Excelentíssima Condessa de Oyenhau-sen*. Para evitar a interferência da Censura, Bocage viu-se obrigado a alterar os versos 11 e 14: «Inimigo de hipócritas e de frades» e «Num dia em que se achou cagando ao vento», de acordo com a versão publicada nas *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*, organizadas, clandestinamente, em 1854, por Inocêncio Francisco da Silva.

Já Bocage não sou!... À cova escura<sup>13</sup>  
 Meu estro vai parar desfeito em vento...  
 Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento  
 Leve me torne sempre a terra dura.

Conheço agora já quão vã figura  
 Em prosa e verso fez meu louco intento.  
 Musa!... Tivera algum merecimento  
 Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria  
 Brade em alto pregão à mocidade,  
 Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade  
 Manchei!... Oh! Se me creste, gente impia,  
 Rasga meus versos, crê na Eternidade!

---

<sup>13</sup> Soneto composto por Bocage pouco antes de falecer, publicado por Inocência Francisco da Silva, *Poesias...*, 1853, p. 218. Foi ditado ao morgado de Assentiz, que acompanhou o poeta nos seus últimos dias. Este escritor enviou o respetivo manuscrito a José Feliciano de Castilho, que o publicou no tomo II, da «Livraria Clássica», p. 155. Inocência (t. I, p. 388) corrobora esta versão, afirmando que se encontra na sua posse uma cópia, igualmente cedida por aquela personalidade. O teor desta composição identifica-se com o da anterior. Está traduzido para o italiano por Prospero Peragallo, in *Flores de Poesia Portuguesa*. Lisboa: Empresa do Ocidente, 1893.

Ele em tamanha aflição  
Entra a carpir-se da Sorte,  
E ao invejoso glutão  
Diz, sentindo já da morte  
As ânsias, a convulsão:

«Que fiz que te obrigue a tanto?  
Meigos amores suaves  
Em doces versos eu canto,  
Eu sou a glória das aves,  
Eu sou dos bosques o encanto.»

Destarte pediu favor  
O melhor dos passarinhos,  
Porém foi vão seu clamor,  
Que, moendo-lhe os ossinhos,  
Assim gagueja o traidor:

«Simples, vaidoso, insensato,  
Devias ser mais remisso  
Em produzir teu retrato:  
Não te defendes com isso,  
Que por isso é que eu te mato.»

#### V — AS DAMAS E A BORBOLETA <sup>7</sup>

Batendo as asinhas leves,  
Matizadas de mil cores,  
Ia veloz borboleta  
Libar o suco das flores.

---

<sup>7</sup> Apólogo publicado no primeiro tomo das *Rimas*, em 1794 e em 1800, p. 338. Na Biblioteca de Nantes, encontra-se uma cópia manuscrita desta composição.

## I

A UM MULATO COMILÃO QUE MURMURAVA DE MIM<sup>1</sup>

Dizem que Flávio<sup>2</sup> glutão  
Em Bocage aferra o dente:  
Ora é forte admiração  
Ver um cão morder na gente!

## II

Pedi pelo amor de Deus  
Dez réis um mendigo a um nobre.  
Respondeu-lhe o cavalheiro  
Que nunca trazia cobre.

Eis por excelência o triste  
Súplica nova começa.  
Enternece-se o fidalgo:  
Põe-lhe nas mãos uma peça.

---

<sup>1</sup> Este epigrama e os 18 seguintes constam do segundo tomo das *Rimas* (pp. 238-248), obra publicada em 1799.

<sup>2</sup> Domingos Caldas Barbosa (Rio de Janeiro, 1738-Lisboa, 1800), seu inimigo contumaz na «Academia de Belas-Letras». Filho de uma angolana e de um português, Lereno Selinuntino, seu nome arcádico, era um exímio tocador de modinhas e um poeta razoável. Foi particularmente satirizado por Bocage em sonetos como «Preside o neto da rainha Ginga», «Deixa, insigne Bocage, insulsos vates», «Por casa Febo entrou co'um vil bugio» e «Lembrou-se no Brasil bruxa insolente».

Considerando a ação da Censura, Bocage optou por substituir o seu nome, viabilizando, deste modo, a publicação da obra.

I — A MORTE DE INÊS DE CASTRO<sup>1</sup>

*As Filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo, chorando, memoraram.  
Camões, Lusíadas, canto III*

A ULINA, SONETO

Da miseranda Inês o caso triste  
Nos tristes sons, que a mágoa desafina,  
Envia o terno Elmano à terna Ulina,  
Em cujos olhos seu prazer consiste.

Paixão que, se a sentir, não lhe resiste  
Nem nos brutos sertões alma ferina,  
Beleza funestou quase divina,  
De que a memória em lágrimas existe.

Lê, suspira, meu bem, vendo um composto  
De raras perfeições aniquilado  
Por mãos do Crime, à Natureza oposto.

Tu és cópia de Inês, encanto amado,  
Tu tens seu coração, tu tens seu rosto...  
Ah! Defendam-te os Céus de ter seu fado.



Longe do caro esposo Inês formosa  
Na margem do Mondego,  
As amorosas faces aljofrava  
De mavioso pranto.

---

<sup>1</sup> Publicada no segundo tomo das *Rimas*, 1799, p. 177.

## I — O ADEUS<sup>1</sup>

Suave habitação da minha amada,  
Das Graças e de Amor! Feliz morada,  
    Onde as mãos da Ventura  
C'roaram minha fé singela e pura,  
Onde, inflamado, exp'imentou meu peito  
Que há no mundo também prazer perfeito;

Leves favónios, leves passarinhos,  
Que, pousados nas flores e raminhos,  
    Em silêncio, me ouvistes  
Canções alegres e suspiros tristes,  
Porque inda o mais ditoso, enquanto adora,  
Canta umas vezes, outras vezes chora;

Tejo, que à minha voz abonanças,ava,  
Que, para me atender, nem murmuravas,  
    Quando injustos ciúmes  
Me arrancaram mil prantos, mil queixumes,  
Quando à bela constância de Gertrúria<sup>2</sup>  
Fiz com suspeitas vãs cruel injúria;

Antiga pátria minha e lar paterno,  
Penates a quem rendo um culto interno,  
    Lacrimosos parentes,  
Que inda na ausência me estareis presentes,  
Adeus: um vivo ardor de nome e fama  
A nova região me atrai, me chama.

---

<sup>1</sup> Canção publicada no primeiro tomo das *Rimas*, edições de 1791, 1794 e 1800, p. 157.

<sup>2</sup> A primeira amada de Bocage, que veio a casar com o seu irmão, Gil du Bocage.

## ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	5
SONETOS:	
TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS.....	29
LIRISMO AMOROSO.....	37
OS LABIRINTOS DO EU E DOS OUTROS.....	176
IDEIAS POLÍTICAS.....	189
A SAGA DO ORIENTE.....	199
O POETA PERANTE O MUNDO.....	228
AFINIDADES ELETIVAS.....	238
A SÁTIRA.....	250
A VIVÊNCIA DO CÁRCERE.....	307
A AMIZADE.....	332
A RELIGIÃO.....	349
DOENÇA E MORTE.....	363
APÓLOGOS OU FÁBULAS MORAIS.....	425
SÁTIRAS.....	463
EPIGRAMAS.....	487
CANTATAS.....	529
CANÇÕES.....	557
IDÍLIOS.....	579
ÉCLOGA.....	679

ÍNDICES:

ÍNDICE DE TÍTULOS E DE PRIMEIROS VERSOS.....	697
ÍNDICE DE GÊNEROS POÉTICOS .....	713



ISBN 978-972-27-2489-0



9 789722 724890

*Nono Elio...  
Compe...  
Com...  
Boange.*